

Um mergulho nas águas do Estágio

Amanda Beatriz Ferreira Damasceno

Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é bolsista de iniciação científica (PIBIC-UFRN) no Laboratório de Ecologia Aquática do Departamento de Oceanografia e Limnologia (LEAq - DOL). Apaixonada pela ciência, pela educação, por pinturas, bordado, trabalhos manuais no geral e por música;

Andressa Lima da Silva

Graduanda em Ciências Biológicas, licenciatura, pela UFRN. Apaixonada pelo azul do oceano, pelo colorido dos recifes de coral, por ficção científica, por divulgar a ciência e por ensiná-la. Pretende seguir pelo caminho da vida estudando a zoologia (de mãos dadas com a ecologia) e também o ensino de ciências;

Aurea Estella de Araújo Silva

Sou estudante do curso de Ciências Biológicas pela UFRN, na modalidade licenciatura. Atualmente voluntária no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e bolsista de Iniciação Científica no Laboratório de Biologia Comportamental (LBC - DFS);

Lucas Varela Molla

Lucas, 24, estudante de ciências biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, objetiva fazer mestrado na área de sistemática e filogenética. É apaixonado pela evolução, tecnologia e leitura. Tem como hobbies a escrita, cutelaria e jogar RPG.

Martina Corso

Tenho 20 anos e sou estudante de Ciências Biológicas na UFRN. Atualmente, faço parte do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências e Cultura, onde pesquiso sobre a construção do conceito de tempo. Gosto muito de me expressar através da música pois é cantando que me sinto mais Eu.

16

Introdução

O texto que segue é um relato, carregado de sentimentalismo, drama e poesia, de cinco estudantes do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Aqui, falaremos sobre a experiência de cursar a disciplina de Ensino Supervisionado de Formação de Professores I no formato remoto. Convidamos você, leitor, a embarcar nesta viagem, onde apresentaremos o contexto e as pessoas que nos ajudaram a desenvolver o Estágio, os obstáculos que encontramos durante a trajetória e o projeto a que demos vida.

O oceano

O Estágio é uma etapa dos cursos de licenciatura muito esperada por nós, alunos, pois é o momento em que finalmente começaremos a colocar em prática tudo o que vínhamos aprendendo. O clima é de expectativa misturado com medo do desconhecido e lá no fundo sabemos que será um tempo de muitas descobertas e aprendizados. Entretanto, o que não sabíamos era que o ano de 2020 nos havia preparado um vírus muito sorrateiro que mudaria tudo o que conhecíamos como normalidade. Em março a pandemia de COVID-19 se alastrou pelo país e o tão esperado Estágio, assim como tudo, teve de se adaptar à nova realidade e passou a ser ofertado no formato remoto. Nos deparamos então com um oceano de águas profundas e desconhecidas, que causa um frio na espinha, mas o qual precisamos atravessar para chegar em terra firme. Felizmente, tínhamos um bote salva-vidas, que nos ajudaria a cruzar esta imensidão misteriosa com segurança e confiança. Um não,

dois, com nome e sobrenome: Thiago Severo e Mayara Larrys. Professor e professora que nos deram a mão neste momento e nos fizeram acreditar que sim, era possível chegar à margem.

Mas não seria fácil por um motivo especial entre tantos outros: nossas mãos não se tocariam de fato, o contato seria todo virtual. Atravessaríamos o oceano juntos, no entanto, ao olhar para o lado poderíamos encontrar uma parede, uma janela, uma estante, mas nunca um amigo, um professor, um colega. Estávamos cada um em nossas casas, vivendo um período de caos e incertezas, mergulhados em atividades domésticas, tentando nos adaptar a uma realidade inimaginável e com uma maré alta a frente.

Outra questão nos atormentava: como cursar um Estágio fora da escola? Como imergir na realidade de um ambiente sem estar de fato inserido nele? Como elaborar um projeto sem conhecer os sujeitos a quem ele se destinaria? A tempestade não durou muito. Fomos apresentados a uma mulher que nos puxaria das profundezas do oceano e nos acompanharia até a praia: a professora supervisora da escola municipal, que em meio ao turbilhão da pandemia, aceitou o desafio.

O nado

Agora, com todo o suporte necessário, poderíamos começar nossa viagem, mais seguros de que o destino final seria alcançado. No princípio, tínhamos apenas aulas com o Thiago e a Mayara. E não eram apenas aulas, eram importantes momentos de troca de saberes, de discussão e diálogo, onde pudemos ter

um contato mais profundo com o fazer ciência, onde aprendemos sobre o método de pesquisa em educação e que fizeram crescer ainda mais o nosso encanto pela Educação (sim, com “E” maiúsculo).

No meio do percurso, a Professora Mayara teve de nos deixar, pois bateram em sua porta duas novas vidas que traziam consigo o amor e precisavam de toda a sua atenção. Nos despedimos com alegria no coração e com a certeza de que ela nos havia deixado em boas mãos. Dali em diante, o Professor Thiago nos guiaria sozinho pelas águas desconhecidas, com bravura e perseverança, sem nos deixar afundar.

Começaram então os encontros com a supervisora. Logo de cara nos encantamos com sua fala. Ela nos contou sobre a história da escola, os projetos nela desenvolvidos, nos mostrou fotos do seu ambiente, falou sobre acontecimentos marcantes. Mas o que nos fez brilhar os olhos foi a maneira com que ela se referia à escola. Sua narrativa era carregada de um sentimento de afeto por aquele lugar, pelo que ele representa e pelas pessoas que o compõem. Decidimos então que este seria nosso Norte: o afeto.

O projeto

Em um momento do percurso onde a nossa visão ainda estava um tanto embaçada por causa da água salgada que batia em nossos olhos, descobrimos que para chegar à terra teríamos que desenvolver um projeto. Mas, como dito algumas linhas atrás, a nossa bússola já estava apontando para a direção correta. Nosso objetivo era investigar como a linguagem afetiva, dentro do espaço escolar, tem influên-

cia no sentimento de pertencimento e vínculo de alunos, professores e gestores com a escola. Além disso, buscaríamos compreender como a pandemia causou impacto nesta dinâmica.

Começa então a parte mais difícil da viagem, onde cada metro percorrido exigia a força dos dez braços juntos. Foram tempos de empolgação e desespero, onde tínhamos que trabalhar em equipe (com pessoas desconhecidas), pensar e escrever sobre uma realidade em que não estávamos inseridos e buscar maneiras de manejar um objeto de estudo tão abstrato de forma remota. A vida do universitário em 2020 não foi fácil, perdemos alguns neurônios até decidir como colocaríamos em prática nossas ideias.

Mas enfim conseguimos estabilizar a velocidade do nado e nos aprumar em direção à praia. Utilizaríamos a metodologia da Roda de Conversa, via plataforma de reuniões online, para colher as narrativas dos alunos, professores e gestores acerca da temática central. Foram dois momentos - um com os estudantes e um com a equipe escolar - onde abrimos espaço para que expressassem suas opiniões e experiências, mediando a conversa a partir de questionamentos previamente elaborados. A princípio, temíamos que os participantes não aparecessem ou não se sentissem à vontade para participar do diálogo. Entretanto, nossas expectativas foram superadas e as Rodas renderam falas pertinentes, desabafos e risos. Uma das coisas mais importantes destes encontros, foi a oportunidade de, pela primeira vez, sermos nós conduzindo a sala de aula virtual e sentir na pele aquilo que nossos próprios professores enfrentaram durante este semestre.

Ao fazer uma análise minuciosa, como quem procura animais em uma pedra na praia,

podemos perceber que os alunos prezam por relações ancoradas no respeito e na empatia e por um ambiente escolar acolhedor, com uma estrutura física confortável. Em seus relatos também ficou evidente a insatisfação com o formato das aulas, que não pode ser comparado com a experiência de relação entre aluno e escola no modo presencial. Os estudantes dizem não se sentir mais parte da escola, principalmente pela falta de contato “olhos nos olhos” e por não estarem dentro do ambiente escolar. Examinando as falas dos professores, percebemos muito afeto, cumplicidade, admiração e proximidade entre a equipe. Eles pontuaram sobre a importância de um olhar humanizado nas relações, que considere cada aluno como um ser único, um universo cheio de individualidades. A equipe diz se sentir integrada e pertencente à escola, mesmo estando separados fisicamente.

A praia

Terra à vista! Depois de tanto esforço, tantas braçadas contra a correnteza, tanta água salgada engolida, podemos enfim colocar os pés no chão, deitar na areia da praia e descansar nossos corpos esgotados. Foram meses de muitos desafios, incertezas e aprendizados.

Existe um sentimento de que poderia ter sido melhor. Claro que poderia! Poderia ter sido mais real, com os pés dentro da escola, olho no olho, experiência sentida na carne. Mas não foi possível, uma força maior nos obrigou a ficar dentro de casa e aprender a viver de outra forma. O que predomina é a gratidão pela experiência, pelos desafios que conseguimos superar, pela força que unimos para fazer acontecer.

Nos sentimos privilegiados por conseguir

chegar até a margem, pois apesar de todas as dificuldades, tínhamos acesso às ferramentas essenciais para atingir nosso objetivo: computadores, celulares e internet. E não chegamos até aqui sozinhos, tivemos o Professor Thiago nos conduzindo desde o início, a Professora Mayara nos acompanhando com o coração e a supervisora nos aproximando daquilo que não teríamos a possibilidade de conhecer pessoalmente. Fica aqui registrado o nosso imenso agradecimento a estas pessoas que diante do desconhecido fizeram o inimaginável.

O horizonte

Sentados na límpida areia desta praia de descanso, com as ondas do mar nos refrescando os pés, avistamos, logo em frente, a linha tênue do horizonte. Ela nos diz que a viagem ainda não terminou, há muito por vir. Alguns de nós seguirão outras correntezas, outros permanecerão juntos na aventura de desbravar a imensidão do oceano. Mas esta experiência fica guardada na memória, e também neste registro escrito.

Temos dúvidas quanto ao seguimento dos Estágios. Acreditamos que daqui para frente muito pode ser perdido no formato remoto. Voltam as expectativas e o medo de mergulhar neste mar silencioso, mas o fascínio pela educação grita mais forte do que os temores. Seja daqui a um mês, ou um ano, estaremos aqui, firmes, nos reinventando e prontos para cruzar oceanos.